



## **DISLALIA E SEUS REFLEXOS NO AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

DANIELE DE ARAUJO BRITO; PAULA FERNANDA OLIVEIRA CARNEIRO; REBECA NEVES DE ARAÚJO

### **RESUMO**

O presente trabalho surgiu da necessidade de refletir os desafios e possibilidades a respeito da dislalia, fornecendo um material de fácil compreensão tanto aos educadores como também às famílias das crianças dislállicas, já que o assunto não é perfeitamente desenvolvido nas esferas sociais. Ademais, o estudo justifica-se pela importância de os professores saberem lidar com a criança que possuem esse distúrbio da fala, pois no ambiente familiar, majoritariamente, ela não encontra esse apoio. Nessa perspectiva, destaca-se como objetivo discutir sobre os desafios para a aprendizagem e socialização das crianças dislállicas e compreender como a escola pode contribuir com desenvolvimento fonológico da criança. O estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas, e delinea o conceito e tipos de dislalia, em seguida discute os desafios presentes na vida dos dislállicos e por fim aborda possibilidades de se trabalhar com essas crianças na escola, bem como a assistência escolar às famílias das crianças dislállicas – tendo como exemplo atividades especiais feitas pelos professores e como estes devem trabalhar; o acompanhamento do fonoaudiólogo, psicólogo ou psicopedagogo e a relação escola-família. Como resultado da pesquisa obtivemos que o desconhecimento das famílias e a deficiência na a respeito da dislalia dificulta o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças com essa condição. Logo, a aplicação de estratégias metodológicas e recursos didáticos que trabalhem as dificuldades encontradas, bem como práticas assistenciais com uma equipe multidisciplinar podem atenuar ou até mesmo acabar com a dislalia, o que colabora com o processo de aprendizagem da criança e seu desenvolvimento em todos os âmbitos.

**Palavras-chave:** Dislalia; Dificuldades de aprendizagem; assistência escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

Há na pré-escola, etapa da educação infantil destinada às crianças de 4 e 5 anos de idade, diversos desafios a serem enfrentados, alguns, no entanto, não são debatidos amplamente. A dislalia é um desses problemas que não têm o devido conhecimento por parte do corpo docente. Caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, esse distúrbio da fala tem reflexos no desenvolvimento da criança e, portanto, no âmbito escolar, uma vez que se encontram problemas como: a ausência de um preparo do pedagogo de como trabalhar com esse tipo de situação, como isso pode afetar o processo de aprendizagem da criança e o preconceito que a criança acaba sofrendo por parte de pessoas que as consideram “mimadas”, por exemplo.

Daí partiu o interesse deste artigo em tratar da dislalia com o intuito de fornecer um material de fácil compreensão, tanto aos educadores como também às famílias das crianças dislállicas, já que o assunto não é perfeitamente desenvolvido nas esferas sociais. Ademais, o tema exposto é de suma importância dada a necessidade de os professores saberem lidar com a criança que possuem esse distúrbio da fala, pois no ambiente familiar, majoritariamente, ela

não encontra esse apoio.

A dislalia é um distúrbio na fala de grande ocorrência na população infantil, que dificulta o processo de aprendizagem e interação da criança, principalmente no espaço formal de educação. Importa saber que a alteração na articulação ou emissão dos sons da fala caracteriza-se pela omissão, substituição, distorção, adição e transposição de fonemas, como por exemplo: tomei/omei; barata/balata; bandeja/bandeija; atlântico/atelântico; lagarto/largato respectivamente. No entanto, há tipos de dislalia que só se fazem presentes durante a infância, e nestes casos se os dislálícos contarem com o auxílio da escola e de especialistas desenvolverão a fala de modo satisfatório.

É por volta dos 10-12 meses de vida que a criança começa a pronunciar palavras com significados, nessa fase os fonemas proeminentes na fala da criança são as consoantes fechadas /b/, /p/, /n/, /d/, e as vogais /i/, /a/, /u/, por serem mais fáceis de articular e pronunciar. Nessa fase da aquisição da linguagem, que vai até os 5 anos de idade, certas crianças apresentam problemas que acarretam em algum tipo de dislalia, são eles:

- **Evolutiva:** Caracteriza-se pela dificuldade em proferir sons diferentes e distorção de alguns fonemas, ocorre por questões como a imaturidade da criança, falta de discriminação auditiva etc., podendo corrigir-se por si mesma até os quatro anos de idade.
- **Orgânica:** É uma lesão no encéfalo que impossibilita a fala correta da criança; ocorre também em situações em que há alterações na estrutura da boca ou língua que atravança a pronuncia.
- **Audiógena:** É causada por problemas na audição e a criança, por não pronunciar bem, sente-se inábil de pronunciar de modo correto os fonemas. Em algumas situações é preciso que as crianças utilizem próteses.
- **Funcional:** Ocorre por um funcionamento inadequado dos órgãos articulatórios, no entanto, não possui lesão orgânica. Caracteriza-se pela substituição de uma letra por outra, acrescentando ou distorcendo a pronuncia.

O desenvolvimento da linguagem é determinado nos primeiros anos de vida da criança a partir de sua interação com a família, em especial. Conforme diz Vygotsky (apud BASSO, 2000) “a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros”. No entanto, se a criança apresenta uma dificuldade nesse processo, suscitando algum tipo de dislalia, é necessário um acompanhamento de um especialista. Para isto, é imprescindível que a família esteja atenta, pois quando não se tem um olhar atento é possível que o distúrbio permaneça durante vários anos com a criança, devido à falta de tratamento correto e contínuo.

É normal que as crianças pequenas não saibam pronunciar corretamente todos os sons da fala, como comenta Kirk e Gallagher (2002):

A má articulação é particularmente comum entre as crianças pequenas e frequentemente passa despercebida, pois é esperada. O pessoal da escola não se preocupa, portanto, com uma criança de pré-primário que ainda é incapaz de produzir os sons que não apresentam nenhuma dificuldade para muitas crianças após os 5 anos (por exemplo, os sons do *r*, *s* ou *th*). (KIRK; GALLAGHER, 2002, p.288).

No entanto, se esses erros persistirem após a fase de aquisição da língua, deve-se buscar o auxílio de especialistas, como o fonoaudiólogo. Considerando isso, o presente estudo objetiva propor um conhecimento sobre a dislalia direcionado a escola a partir da discussão sobre os desafios para a aprendizagem e socialização das crianças dislálícas e compreender como a escola pode contribuir com desenvolvimento fonológico da criança.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O percurso metodológico para a construção desse estudo passou pelos conhecimentos aprendidos nas disciplinas Psicologia da Educação II e Psicolinguística do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, em seguida fundamentou-se na revisão de literatura, tendo em vista o aprofundamento das discussões a respeito do transtorno da dislalia na infância.

Os autores que auxiliaram a construção do presente estudo foram Vygotsky, Kirk e Gallagher (2002), Marchesi (2004), Goulart e Chiari (2014), Giné (2004) e Valmaseda (2004).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De certo, a base do desenvolvimento da criança é a família e após atingir a idade exigida para ingressar na escola, novos desafios surgem já que irá interagir fora do seu ambiente familiar. Com base na revisão de literatura, constata-se que caso essa interação com a família, nos primeiros anos de vida do infante, seja desestimuladora para a fala da criança, esta sentirá maior dificuldade no ambiente escolar. Os desafios encontrados são a discriminação por não pronunciarem as palavras corretamente e dificuldades de aprendizagem.

As crianças com dislalia têm de lidar com o pré-julgamento de familiares e professores que acabam, muitas vezes, discriminando-as por desconhecem que é um distúrbio e assim rotulá-las de mimadas. É sabido que essa realidade presente no dia a dia de crianças com tal distúrbio gera insegurança e timidez fazendo com que elas se sintam desmotivadas a estudar. Marchesi (2004) fala sobre a desmotivação na aprendizagem escolar, que abrange bem as adversidades que os dislálícos enfrentam na escola:

Mais preocupantes são aqueles alunos cujo principal objetivo é evitar o fracasso escolar. Sua principal característica é a insegurança em suas habilidades ou a insegurança de que não serão capazes de ter êxito nas tarefas escolares. Alguns deles desenvolvem estratégias que os levam a resolver as tarefas escolares e, desse modo a evitar seus temores. Outros, em compensação tentam desvincular-se do trabalho na escola. Para esses alunos, nenhum esforço da escola suporá uma memória em sua autoestima pessoal ou na valorização que os outros façam deles. (MARCHESI, 2004, p. 131).

Faz-se presente também a discriminação por parte dos colegas, por zombarem do amigo que possui dificuldades na fala. Muitas crianças que têm dislalia passam por diversos constrangimentos durante sua vida, além dos risos têm que conviver com opiniões malvadas sobre sua linguagem. A tirinha abaixo mostra uma situação onde o Cascão fica impaciente com o Cebolinha por ele falar errado.



Figura 1: Tirinha Cebolinha

Fonte: <https://imagens.app.goo.gl/3VV4uqUVnx8dnHmR9>

As dificuldades de aprendizagem surgem devido as próprias repreensões e baixa autoestima, e ademais pelo o corpo docente não utilizar metodologias e recursos didáticos que auxiliem na alfabetização dos dislálícos, pela falta de acompanhamento de profissionais especialistas em distúrbios de fala, como fonoaudiólogo e psicopedagogo na escola, como também a falta das famílias buscarem o tratamento da condição dislálíca da criança com esses profissionais especializados.

Como consequência desses problemas a criança com dislalia é mais suscetível a repetência de ano letivo, uma vez que não tendo desenvolvido sua linguagem oral de forma adequada refletirá negativamente no seu desenvolvimento da linguagem escrita. Segundo um estudo desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (GOULART E CHIARI, 2014, p.813) “as crianças com alterações de fala possuem, em média 30% mais chances de repetir de ano se comparadas com seus pares que não possuem alterações de fala. Por outro lado, estas alterações de fala parecem ser atribuíveis a seis em cada dez repetências associadas a problemas de fala”.

Ante esses desafios, pode-se elencar algumas possibilidades para o enfrentamento da dislalia, considerando a assistência escolar aos alunos dislálícos, a parceria entre escola e família, e o acompanhamento especializado como medidas primordiais. Para tanto, o sistema escolar precisa ser consciente da importância que tem na vida e no desenvolvimento do indivíduo, principalmente nos que necessitam de uma atenção maior. Dada essa necessidade, é pertinente que o corpo docente das escolas avalie quais práticas pedagógicas podem ser adotadas. No livro Educação da criança excepcional, os autores Kirk e Gallagher (2002) relatam um acertado exemplo:

Betty está matriculado em uma série comum com outras crianças, mas um patologista da fala e da linguagem itinerante lhe dá aulas de correção várias vezes por semana e sugere exercícios adicionais para o professor de classe. Com esse tipo de assistência é provável que as dificuldades de articulação de Betty sejam eliminadas ou consideravelmente reduzidas. (KIRK, Samuel A.; GALLAGHER, 2002, p. 277).

Atividades adicionais de correção da linguagem, feitas constantemente pela escola durante a semana são de grande valia para que a criança possa melhor desenvolver a fala até que o distúrbio seja extinto ou diminuído. Isso mostra a relevância na atuação da escola para o aprimoramento da linguagem da criança com dislalia. Ademais, são necessárias estratégias específicas para que o aluno possa compreender o conteúdo tratado em sala de aula, e a utilização de materiais pedagógicos faz essa ponte entre professor e aluno. Outra medida que auxilia as crianças dislálícas em sua dificuldade de aprendizagem é o acompanhamento de um profissional especializado. O educador e a própria escola não trabalham sozinhos, sendo necessário o apoio de fonoaudiólogo, auxiliando em uma melhor articulação das palavras e o psicólogo ou psicopedagogo, trabalhando na segurança emocional da criança.

Esses fatores em conjunto, podem ajudar o dislálíco a lidar com as dificuldades a serem enfrentadas, devido a sua condição, o auxiliando na sua autoestima, para que a criança com dislalia perceba que não é inferior as outras, e supere as suas dificuldades de aprendizagem. O trabalho que esses profissionais especializados desenvolvem na escola é de grande importância, mas sem a cooperação da família e dos professores será mais difícil o dislálíco superar a dificuldade de aprendizagem. Como afirma Giné (2004):

A avaliação psicopedagógica não é uma questão reservada exclusivamente a especialistas; todos os profissionais – e os pais – devem participar do processo, evidentemente em graus distintos. É certo, porém, que as pessoas que ocupam um lugar relevante no processo de ensino e aprendizagem não podem ser excluídas do processo de avaliação. (GINÉ, 2004, p.285)

Muitas vezes a família pensa que seu papel é secundário na educação da criança dislállica por ela já contar com a ajuda dos profissionais na escola. No entanto, o processo educativo exige a relação entre escola e família. Não raro, a família desconhece sua importância no desenvolvimento da criança e a escola deve conscientizá-la disso. Para que o trabalho de aprimoramento da linguagem do dislállico possa ser feito de forma efetiva não só no âmbito escolar, mas também no espaço familiar a criança teria que contar com a relação escola-família. É nesse meio que a criança tem seu avanço linguístico através de comunicações – por exemplo, passeios de escola, convívio com a família, conversas em geral que ocorrem nesses meios – como menciona Valmaseda (2004):

É muito importante que as intervenções individuais coordenem-se o mais estreitamente possível com os ambientes familiar e escolar, já que é nesses contextos que ela passa a maior parte de seu tempo e nos quais se encontram os interlocutores mais significativos. Não se trata de converter pais e professores em terapeutas, mas de aproveitar aqueles contextos mais naturais e espontâneos e que podem estimular e favorecer a generalização das aprendizagens que se realizam nas sessões de intervenção. (VALMASEDA, 2004, p.87)

Portanto, considera-se que é a escola o órgão responsável por ajudar a família nesse processo e seu atendimento deve ser de cada criança individualmente pois elas possuem um desenvolvimento linguístico particular. Como esses dois ambientes (escola e família) são os principais agentes de interação da criança, é imprescindível a parceria entre eles, bem como o acompanhamento de profissionais especialistas em distúrbios da fala, a fim de que possam contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento da criança com dislalia, impedindo que os desafios não a acompanhem até a vida adulta.

#### 4 CONCLUSÃO

Foi observado que apesar das grandes dificuldades enfrentadas pelos dislállicos, é possível que crianças com esse distúrbio possam desenvolver a linguagem a partir dos métodos propostos dentro da sala de aula, e que não só a escola, mas também a família pode contribuir para que a dislalia da criança não se perpetue. Para um estudo mais detalhado acerca das possibilidades que a escola pode adotar, que sejam favoráveis às crianças dislállicas, compete ao interessado por tal pesquisa levar em conta a realidade de cada escola, considerando a demanda e as famílias que precisam do auxílio escolar.

Outrossim, pôde-se constatar que o professor é um transformador do meio a que está inserido e sua formação é um processo contínuo, onde deve estar sempre se aprimorando, já que ensinar envolve questões sociais, objetivas e éticas. O educador deve ser um agente que dará condições para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças com dislalia e contribuirá para a formação de futuros cidadãos capazes de resolver os desafios e os mudar. Além disso, ao se deparar com as realidades expostas nesse artigo, deve-se respeitar os limites de cada criança, sendo consciente que nem todas irão ter um avanço rápido na busca de bem articular as palavras, umas precisam de mais e outras de menos tempo.

#### REFERÊNCIAS

BASSO, Cintia Maria. **Teoria desenvolvimento de Jean Piaget e teoria desenvolvimento de Vygotsky**. Porto Alegre: EPU, 2000.

KIRK, Samuel A.; GALLAGHER, James J. Crianças com distúrbio de comunicação. *In*: KIRK,

Samuel A.; GALLAGHER, James J. **Educação da criança excepcional**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 277-288

MARCHESI, Álvaro. Os alunos com pouca motivação para aprender. *In*: COLL, César;

MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 131. Figura 1: TirinhaCebolinha. Disponível em: <https://imagens.app.goo.gl/3VV4uqUVnx8dnHmR9>

GOULART, Bárbara Niegia Garcia de; CHIARI, Brasília M. Distúrbio de fala e dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental. *Revista CEFAC*, São Paulo: [s.n.], V.16, n.3, p. 810-816, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n3/1982-0216-rcefac-16-3-0810.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022

GINÉ, Climent. A avaliação psicopedagógica. *In*: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 285.

VALMASEDA, Marian. Os problemas de linguagem na escola. *In*: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 87.